ACTA SCIENTIAE

ISSN: 2178-7727
DOI: 10.64856/acta.scientiae.8514

Endividamento e poder em *A Gota d'Água*: contribuições da história cultural para a educação financeira

Andrea Verônica dos Santos Stábile[a]
Liceia Alves Pires[a]
Cleonis Viater Figueira[b]

a Universidade Estadual do Paraná, Campus Paranaguá, Brasil.
b Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus de Pato Branco, Brasil.

RESUMO

Contexto: A peça Gota d'Água (1975), de Chico Buarque e Paulo Pontes, foi escrita no contexto do "milagre econômico" brasileiro e da ditadura militar, período marcado por concentração de renda, depreciação salarial e endividamento das camadas populares. **Objetivos:** Analisar as representações de endividamento, poder e desigualdade social presentes na obra, identificando contribuições para uma abordagem crítica da Educação Financeira no ensino de Matemática. **Design:** Pesquisa qualitativa de base documental e interpretativa, fundamentada nos pressupostos da História Cultural e da Educação Financeira, com análise de discurso dos fragmentos da peça. Ambiente e participantes: Estudo teórico-bibliográfico: as fontes analisadas foram a edição original da peça Gota d'Água e o referencial teórico da História Cultural e da análise do poder. **Coleta e análise de dados:** Seleção sistemática de cenas e falas que evidenciam práticas financeiras, relações de dívida, consumo e controle econômico. A análise seguiu os conceitos de representação e prática cultural de Roger Chartier, articulando-os à noção de poder como relação de força. **Resultados:** Identificaram-se representações de endividamento naturalizado (personagem Xulé), dominação econômica como instrumento de disciplina social (Creonte), vulnerabilidade feminina e mobilidade social por meio de alianças com o capital (Joana e Jasão). A obra evidencia que a dívida e o consumo não são apenas fenômenos econômicos, mas práticas culturais que reproduzem desigualdades estruturais. **Conclusões:** A interlocução entre literatura e matemática permite uma Educação Financeira que transcende o caráter meramente técnico, promovendo letramento crítico e compreensão das estruturas de poder que moldam a realidade social. A análise sugere encaminhamentos metodológicos (leitura dialógica, estudo de caso, simulações de juros) alinhados à BNCC, capazes de formar cidadãos reflexivos sobre o endividamento e o consumo.

Palavras-chave: Educação Financeira; História Cultural; Ensino de Matemática; Endividamento; BNCC.

Autor correspondente: Cleonis Viater Figueira. Email: cleonis@utfpr.edu.br

Indebtedness and Power in *A Gota d'Água*: Contributions from Cultural History to Financial Education

ABSTRACT

Context: The play *A Gota d'Água* (1975), by Chico Buarque and Paulo Pontes, was written in the context of the Brazilian "economic miracle" and military dictatorship, a period marked by income concentration, wage devaluation, and indebtedness among the lower-income population. **Objectives:** To analyze the representations of indebtedness, power, and social inequality present in the work, identifying contributions to a critical approach to Financial Education in Mathematics teaching. **Design:** A qualitative documentary and interpretive study grounded in the assumptions of Cultural History and Financial Education, using discourse analysis of excerpts from the play. **Setting and participants:** This was a theoretical-bibliographic study; the sources analyzed were the original edition of *A Gota d'Água* and the theoretical framework of Cultural History and the analysis of power. **Data collection and analysis:** A systematic selection was made of scenes and lines that reveal financial practices, debt relations, consumption, and economic control. The analysis followed Roger Chartier's concepts of representation and cultural practice, articulating them with the notion of power as a relation of forces. **Results:** The study identified representations of normalized indebtedness (the character Xulé), economic domination as an instrument of social discipline (Creonte), female vulnerability, and social mobility through alliances with capital (Joana and Jasão). The work demonstrates that debt and consumption are not merely economic phenomena but also cultural practices that reproduce structural inequalities. **Conclusions:** The dialogue between literature and mathematics makes it possible to develop Financial Education that transcends a merely technical approach, fostering critical literacy and an understanding of the power structures that shape social reality. The analysis suggests methodological approaches (dialogical reading, case studies, and interest-rate simulations) aligned with the Brazilian National Common Core Curriculum (BNCC), capable of fostering reflective citizens regarding indebtedness and consumption.

Keywords: Financial Education; Cultural History; Mathematics Teaching; Indebtedness; BNCC.

INTRODUÇÃO

A educação contemporânea é convocada a responder aos desafios da transição justa, conceito que articula sustentabilidade ambiental, equidade social e inclusão cultural (Theodoro de Lima & Figueira, 2026). Nesse cenário, a formação escolar precisa articular competências técnicas e um compromisso ético-político capaz de intervir nas desigualdades sociais historicamente produzidas.

A literatura e as práticas culturais surgem como recursos privilegiados para essa articulação. Ao tornar visíveis representações sociais, narrativas e

práticas cotidianas é possível problematizar relações de poder, economia e afetos.

Partindo dessa premissa, este artigo analisa como a peça *A Gota d'Água* (Buarque & Pontes, 1975) produz representações do endividamento, do poder econômico e da mercantilização dos vínculos afetivos, e de que modo tais representações podem subsidiar uma Educação Financeira numa perspectiva crítica, no ensino da Matemática.

Defende-se a hipótese de que a interlocução entre literatura e matemática amplia o escopo da educação financeira. Além de procedimentos de cálculo, é necessário desenvolver capacidades interpretativas que permitam aos estudantes compreender as estruturas sociais que moldam práticas financeiras.

O enquadramento teórico articula dois eixos centrais. Primeiro, a História Cultural (Chartier, 1988), que orienta a compreensão de como práticas e representações se naturalizam, circulam e legitimam sentidos coletivos. Segundo, a noção foucaultiana de poder, que possibilita analisar como relações econômicas se traduzem em mecanismos de dominação, disciplina e controle social.

Essa articulação teórico-metodológica permite ler a peça não apenas como objeto estético, mas como fonte de dados culturais relevantes para a formação escolar.

Metodologicamente, trata-se de um estudo qualitativo, de base documental e interpretativa, que seleciona e analisa trechos da peça *A Gota d'Água* por sua densidade simbólica e potencial didático. A análise combina leitura hermenêutica dos diálogos com interpretação temática orientada para implicações pedagógicas.

Os resultados apontam três contribuições principais:

1. a peça evidencia a naturalização da dívida como prática social e instrumento de controle;
2. revela a interseção entre ascensão social, consumo e desvalorização de vínculos afetivos;
3. oferece material narrativo que pode ser convertido em sequências didáticas, leitura dialógica, estudos de caso e simulações de juros, capazes de integrar conceitos matemáticos e reflexão crítica.

A partir desses achados, o artigo propõe encaminhamentos

metodológicos alinhados à BNCC (Base Nacional Comum Curricular; Brasil, 2017) para incorporar a Educação Financeira na formação básica, enfatizando a necessidade de articular saberes técnicos e análise sociocultural (Villa, Silva & Darroz, 2018).

Em síntese, a literatura funciona aqui como mediadora. Ao expor práticas e representações, ela contribui para que estudantes desenvolvam não apenas competências de cálculo, mas também a capacidade de interpretar criticamente as estruturas que produzem desigualdades.

Em suma, a proposta defendida é que a Educação Financeira deve articular saberes técnicos e análise sociocultural. A literatura, ao tornar visíveis práticas e representações, funciona como mediadora para que estudantes desenvolvam não só competências de cálculo, mas também capacidade de interpretação crítica das estruturas que produzem desigualdades.

Na Educação Básica, a Educação Financeira ganha destaque como tema contemporâneo transversal, na BNCC (Brasil, 2017) e, segundo Santos e Groenwald (2024), vem refletindo uma crescente necessidade de preparar os estudantes para enfrentar os desafios econômicos da vida cotidiana.

No entanto, para Kistemann Júnior, Giordano e Campos (2026) , no contexto escolar, a educação financeira tradicional geralmente parte da visão de que as pessoas são agentes racionais e de que, ao conhecerem informações técnicas sobre conceitos financeiros, tais como juros, inflação, orçamento terão condições de tomar decisões consciente em prol do seu próprio interesse econômico.

Esse trabalho busca diferenciar-se das perspectivas acima citadas, pois tem como objetivo analisar as representações de endividamento, poder e desigualdade na obra *A Gota d'Água* (Buarque & Pontes, 1975), à luz da História Cultural, identificando suas contribuições para uma abordagem crítica da Educação Financeira no ensino da Matemática.

A partir disso, são identificados trechos da criação que evidenciem práticas financeiras, relações de dívida e mecanismos de poder, os quais são interpretados como construções culturais historicamente situadas. E, ao final do trabalho, apresenta-se proposições de encaminhamentos metodológicos que podem ser utilizados por professores ao trabalhar a Educação Financeira de forma transversal na Educação Básica.

As seções seguintes contextualizam historicamente a obra e detalham os procedimentos analíticos adotados.

O BRASIL NA DÉCADA DE 1970

Nos anos 1970, o Brasil viveu um período de crescimento econômico conhecido como milagre econômico, inserido no contexto do regime militar (1964–1985).

Esse crescimento, que teve seu auge entre 1968 e 1973, foi impulsionado por entrada de capital estrangeiro, expansão industrial e políticas de incentivo a grandes empresas, mas ocorreu concomitantemente a práticas de depreciação salarial, concentração de renda e aumento do endividamento das camadas populares (Bresser-Pereira, 1983; Paulino, 2020).

O quadro econômico, favorável para setores privilegiados, conviveu com forte exclusão social e limitações à contestação política, em um contexto marcado por censura e repressão.

É nesse contexto de tensões econômicas e simbólicas que se insere a peça *A Gota d'Água* (Buarque & Pontes, 1975). Escrita e encenada no auge das contradições do período. A obra transpõe a tragédia grega para a periferia urbana e expõe, por meio de personagens e enredos, representações do endividamento, da dependência econômica e das relações de poder que atravessam a vida cotidiana dos mais vulneráveis. A peça, assim, funciona como fonte cultural que documenta e problematiza práticas sociais e econômicas historicamente situadas.

Com relação ao regime militar, foi um movimento político militar, entre os anos de 1964 a 1985, que depôs o presidente João Goulart, e foi chamado de período de Ditadura Militar ("Golpe militar de 1964", s.d.). O período foi marcado por repressão, censura e violações dos direitos humanos. Gonçalves (2012) afirma que a maioria da população, por razões diversas, não percebeu os problemas do regime militar ou não se incomodou com eles, havendo também aqueles que percebiam, mas se omitiam ou concordavam com as ações do governo, sobretudo quanto aos efeitos do milagre econômico. Esse comportamento evidencia um paradoxo: a redução da repressão coincidiu com manifestações significativas de adesão e apoio ao governo.

Analisando o pensamento da autora sob a luz da história cultural, evidencia-se que a vivência durante esse período não foi homogênea, ou seja, foi marcada por diferentes interpretações e experiências individuais. Nesse sentido, cada sujeito construiu sua própria compreensão do contexto histórico vivido.

Essa perspectiva dialoga com Chartier (1988), ao destacar que as

percepções dos agentes sociais não são neutras, mas condicionadas pelo contexto em que são produzidas. Por isso, tais representações orientam práticas e tendem a se naturalizar no coletivo, sendo muitas vezes aceitas sem questionamento pelos indivíduos.

Com relação ao chamado *milagre econômico*, que ocorreu entre os anos de 1968 a 1973, Paulino (2020) elucida que ocorreu durante o período mais repressivo da ditadura, sendo caracterizado por elevadas taxas de crescimento econômico, impulsionadas pela entrada de capital estrangeiro, expansão industrial e fortalecimento de grandes empresas, especialmente multinacionais.

Esse cenário beneficiou, sobretudo, as elites econômicas e os grupos detentores dos meios de produção, que acumularam altos lucros em um contexto de incentivos estatais e estabilidade política forçada.

No entanto, esse crescimento não se traduziu em melhoria das condições de vida da população em geral, particularmente da classe trabalhadora, que enfrentou arrocho salarial, precarização das condições de trabalho e aumento das desigualdades sociais (Netto, 2023).

Além disso, o período foi marcado pelo crescimento da dívida externa e pela intensificação da exploração da força de trabalho, evidenciando que o desenvolvimento econômico ocorreu de forma concentrada e excludente, sustentado por um regime autoritário que limitava a contestação social e a divulgação das reais condições socioeconômicas da população.

Nesse ambiente, o consumo era visto como expressão de desenvolvimento e modernidade (Diário do Comércio, 2022). No entanto, esse crescimento não atingiu a população de maneira homogênea. Entre 1960 e 1977, o Índice de Gini subiu de 0,50 para 0,62, evidenciando forte concentração de renda (Superinteressante, 2012). Na mesma década, o poder de compra do salário mínimo caiu pela metade, e os 20% mais pobres viram sua participação na renda nacional encolher de 3,9% para 2,8% (Agência Brasil, 2014).

No contexto brasileiro, a partir da segunda metade do século XX, as formas de organização das classes populares foram estruturadas mais pelas urgências de sobrevivência do que por planejamentos sistemáticos ou instrumentos formais de gestão econômica (Arroyo, Balbim, & Santiago, 2023; Gama, 2023).

Diante de rendas instáveis e limitadas (Paulino, 2020), inúmeras famílias passaram a construir estratégias práticas para lidar com a escassez, utilizando recursos como compras parceladas, o tradicional fiado em comércios

de bairro e o uso de cadernetas para registro de débitos, mecanismos que operavam como modalidades alternativas de crédito (Guimarães, 2007).

A informalidade ocupou posição central nesse cenário, manifestando-se tanto na realização de atividades laborais sem vínculo formal para complementação de renda quanto na obtenção de empréstimos por meio de redes de proximidade, envolvendo vizinhos, amigos e familiares (Gama, 2023; Granovetter, 2007).

Sob essa ótica, o endividamento assumiu uma dimensão que extrapola o campo estritamente econômico, configurando-se também como prática social consolidada, capaz de viabilizar o acesso a bens essenciais e, simultaneamente, fortalecer relações comunitárias baseadas em confiança e ajuda mútua (Guimarães, 2007; Granovetter, 2007).

Todavia, a forte dependência dessas formas informais de financiamento e do crédito com custos elevados também ampliou situações de vulnerabilidade. Em contextos marcados por inflação e aumento contínuo do custo de vida, os encargos tendiam a se expandir rapidamente, comprometendo a estabilidade financeira doméstica (Paulino, 2020; Habert, 1992).

Desse modo, a cultura financeira no Brasil evidencia um cenário ambivalente, de um lado revelando adaptação e resistência diante das adversidades e de outro lado expondo os efeitos persistentes das desigualdades estruturais e das limitações de acesso aos sistemas formais de crédito e educação financeira (Arroyo, Balbim, & Santiago, 2023; Gama, 2023).

A produção Gota d'Água estabelece claras comparações entre os personagens e as classes sociais presentes no contexto da época (Buarque & Pontes, 1975). As camadas mais desfavorecidas da população, o 'povão', é representado pelos moradores do conjunto habitacional. A classe média, por sua vez, oscila entre as forças do poder e do povo (Carcuchinski, Linck, & Filipouski, 2020; Gonçalves, 2021)

A partir dessa contextualização histórica, a análise proposta neste artigo volta-se para as representações simbólicas e econômicas presentes na obra (desigualdade, trabalho informal, dependência financeira e mercantilização das relações afetivas) buscando compreender como esses elementos podem ser mobilizados pedagogicamente para uma Educação Financeira.

A seção seguinte detalha a contextualização dos personagens e os procedimentos analíticos adotados.

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PERSONAGENS E DA OBRA

Escrita por Chico Buarque e Paulo Pontes e encenada pela primeira vez em 1975, no auge da ditadura militar brasileira, *A Gota d'Água* é uma adaptação da tragédia grega Medeia, de Eurípides, transposta para a periferia urbana do Rio de Janeiro.

A peça se passa na fictícia Vila do Meio-Dia, um conjunto habitacional precário cujos moradores vivem sob constante ameaça de despejo e dependem de relações econômicas informais para sobreviver. Ao mesmo tempo em que recria o drama da traição e da vingança, a obra expõe as contradições sociais do chamado *milagre econômico* (1968-1973), evidenciando a concentração de renda, a depreciação salarial e o endividamento das classes populares como mecanismos de dominação.

Por meio de personagens como a protagonista Joana, o oportunista Jasão e o especulador imobiliário Creonte, a peça denuncia a lógica excludente do capitalismo periférico, transformando um mito grego em uma crítica contundente à realidade brasileira dos anos 1970 (Buarque & Pontes, 1975; Carcuchinski, Linck, & Filipouski, 2020).

Ambientada na fictícia Vila do Meio-Dia, a obra utiliza um leque de personagens que são peças-chave para a sua crítica social e econômica. A protagonista, Joana, é uma mulher madura e sofrida, que dedicou sua vida a impulsionar a carreira do companheiro, Jasão.

No entanto, ao ser abandonada por seu companheiro, Joana personifica a força feminina resiliente que enfrenta a traição e a opressão, transformando sua dor em um grito contra o sistema que a marginaliza.

Em contrapartida, Jasão é um sambista jovem e ambicioso que, ao alcançar o sucesso com a canção que dá nome à peça, troca seus laços afetivos por uma ascensão social oportunista, tornando-se um símbolo da adesão à lógica do capital.

Movido por essa mesma lógica, Creonte é o empresário da construção civil e proprietário do conjunto habitacional, representando o poder econômico opressor e corruptor que controla a vida dos moradores através do endividamento e da exploração.

Nesse núcleo, Alma, a filha de Creonte, representa os valores pequeno-burgueses e o casamento como ferramenta de ascensão.

No coração da comunidade, Corina atua como a amiga confidente de

Joana, sendo a voz da sabedoria popular que comenta e desenrola o drama enquanto compartilha do mesmo cotidiano de luta.

Por fim, Xulé é a voz trágica e resignada do povo. Seus lamentos sobre o pagamento de prestações e a constante ameaça do despejo cristalizam a dívida como um instrumento de dominação e uma prática social naturalizada, evidenciando a vulnerabilidade da classe trabalhadora.

EVIDÊNCIAS DE PRÁTICAS FINANCEIRAS

A peça *A Gota d'Água* apresenta conflitos que articulam relações afetivas e tensões sociais, evidenciando desigualdades estruturais e disputas de hegemonia, além de apresentar vários indícios de relações financeiras da época.

A personagem principal é Joana, moradora do conjunto habitacional, que se envolve com o sambista Jasão e o auxilia em sua ascensão artística.

Após alcançar reconhecimento com a música, Jasão rompe a relação com Joana para se casar com Alma, filha de Creonte, proprietário das moradias locais. A figura de Creonte representa o capitalismo e o controle exercido sobre os moradores por meio da posse da propriedade e da dependência financeira.

A produção literária evidencia o conflito trágico para uma realidade marcada por desigualdade social, endividamento e relações de dominação. Esses elementos permitem interpretar a publicação como uma crítica às estruturas socioeconômicas vigentes no período da ditadura militar.

Além disso, apresenta uma trama que se aprofunda não apenas nos dilemas de uma relação amorosa, mas também nos embates de caráter social da época, centrados na história de Joana e Jasão. Sendo ela uma mulher mais velha e experiente, dedicou-se a apoiar e a moldar Jasão, transformando-o em uma figura masculina proeminente.

A obra estabelece uma clara comparação entre os personagens e as classes sociais presentes no contexto da época. As camadas mais desfavorecidas da população, o *povão*, é representado pelos moradores do conjunto habitacional. A classe média, por sua vez, oscila entre as forças do poder e do povo.

A análise proposta volta-se para representações simbólicas e aspectos econômicos, abordando questões como desigualdade social, abandono paterno e trabalho informal. Busca-se compreender as práticas culturais das pessoas marginalizadas em seu cotidiano, bem como as estratégias que desenvolvem para lidar com suas condições financeiras e de sobrevivência. Por meio dessa

adaptação, os dramaturgos expõem a realidade brasileira através de personagens que simbolizam forças sociais concretas.

O texto que segue, apresenta alguns fragmentos e a análise com base nas questões que são permeadas pela Educação Financeira.

Representações do dinheiro e do endividamento

Como já mencionado anteriormente, o drama reflete as tensões sociais da década de 1970, tais como a ditadura militar, o milagre econômico e a expansão urbana que empurrava as classes populares para periferias, muitas vezes em condições precárias.

Segundo Arruda (2020), os pilares que sustentaram a grande acumulação de capital no período foram a depreciação salarial e a exploração intensificada da força de trabalho. Nesse cenário, práticas como dinheiro, casa, consumo, passivo e trabalho revelam a fragilidade das relações humanas diante da desigualdade.

Na composição literária, as falas dos personagens não são neutras. Elas carregam valores, frustrações e críticas sociais. Por exemplo, Xulé, ao comentar sobre as dívidas das prestações, expõe a naturalização da dependência econômica. Ele fala com resignação, como se dever fosse parte inevitável da vida popular "A gente vive nessa divisão. Se subtrai, se multiplica, soma, no fim, ou come ou paga a prestação" (Buarque & Pontes, 1975, p.30).

A massa da população permaneceu à margem das políticas estatais, enfrentando condições de trabalho e vida deploráveis, com aumento das horas de trabalho necessárias para comprar a alimentação mensal (Paulino, 2020).

No diálogo do personagem Xulé, observa-se uma representação das despesas como algo cotidiano, quase normal, mas também como um peso que aprisiona, reforçando a ideia de impotência diante do sistema. A linguagem utilizada pelo personagem não apenas descreve uma situação econômica, mas produz e reforça uma determinada forma de compreender a realidade social, evidenciando como essas representações são construídas e compartilhadas culturalmente.

Para Chartier (1988), as práticas culturais e os modos de leitura constituem espaços privilegiados de produção de sentidos, nos quais os sujeitos interpretam, reelaboram e ressignificam textos, discursos e símbolos.

Tal fato também é verificado na fala de Joana, que ao se sentir usada e abandonada por Jasão, expressa uma visão profundamente crítica sobre as

conexões afetivas mediadas pelo dinheiro. Em suas falas, ela associa traição à lógica do consumo:

> Amor com prazo fixo vale nada eu achei que você estava ao meu lado de olhos fechados, sem hora marcada, dormindo, sem receio e sem recado pra acordar. Mas não, você estava alerta, deitado com um pé fora da cama, esperando chegar melhor oferta. Pra esmagar no cinzeiro a velha chama e correr ao sabor de uma ambição que assim, da noite podia, eu deixei de satisfazer. (Buarque & Pontes, 1975, p. 132).

Desta maneira Jasão não apenas a deixou, mas a *descartou* como quem troca um objeto velho por um novo. Essa representação denuncia a mercantilização dos afetos, mostrando como o desejo de ascensão social corrompe os vínculos humanos. Outros personagens também reforçam essas representações.

Nesse trecho, observa-se que o rompimento afetivo não é apenas uma escolha individual, mas algo mais amplo, em que as relações passam a ser medidas a partir de critérios utilitaristas e de interesse. O discurso que Joana constrói é uma representação de um amor atravessado pelas questões econômicas, como a troca e a substituição.

Dessa maneira, Jasão não apenas abandona Joana, mas a *descarta* como quem substitui um objeto por outro mais vantajoso. Essa representação, como citado, evidencia não só a mercantilização dos afetos, revela, principalmente, o desejo de ascensão social reconfigurando os vínculos humanos.

Outros personagens também reforçam essas representações, contribuindo para a construção de um quadro mais amplo das relações sociais mediadas pelo dinheiro. Os vizinhos, por exemplo, ao comentarem sobre prestações e compras fiadas, revelam uma cultura de sobrevivência baseada no crédito, em que o consumo é limitado e sempre adiado.

Analisando as ações dos personagens sob a ótica da Educação Financeira, fica evidente que o dinheiro não atua apenas como instrumento econômico, mas como elemento que reconfigura vínculos humanos e afetivos, como no caso de Jasão, que *descarta* Joana em busca de ascensão social, revelando a mercantilização das relações.

Além disso, ao retratar os vizinhos que vivem de compras fiadas e prestações, a obra explicita uma cultura de sobrevivência baseada no crédito, marcada pelo consumo adiado e pela limitação de recursos.

Creonte, por outro lado, fala da dívida com frieza e cálculo, representando-a como oportunidade de lucro, não como drama humano uma visão típica da lógica capitalista "...quem compra tem que pagar, senão não há santo que me sustente. Diga que para haver desenvolvimento cada um tem que pagar seu preço…" (Buarque & Pontes, 1975, p. 53).

O trabalho como atividade de subsistência, nas falas dos moradores, aparece como esforço físico desgastante, sem perspectiva de mudança. Para eles, trabalhar é obrigação, não realização. Jasão, ao contrário, pensa o trabalho como trampolim para ascensão, mas não pelo mérito do esforço. Ele busca atalhos, alianças com a soberania econômica, mostrando uma representação do sucesso como ruptura com a origem.

Creonte e o poder econômico

Creonte é construído como a figura central de domínio econômico dentro da comunidade retratada. Sua posição como proprietário dos imóveis e financiador de obras públicas lhe concede autoridade direta sobre a vida dos moradores, que dependem de seus recursos para permanecerem no conjunto habitacional. Essa concentração econômica concede a Creonte exercer influência que ultrapassa a esfera financeira, atingindo dimensões sociais e políticas que reforçam desigualdades estruturais (Buarque & Pontes, 1975).

Um exemplo disso ocorre quando ele pressiona Jasão para romper com Joana e se casar com sua filha, Alma. Embora esse evento esteja ligado ao campo pessoal, a motivação de Creonte é essencialmente estratégica. Esta união representa vantagens materiais e posições de prestígio ao herói popular, revelando que sua autoridade econômica funciona como instrumento de manipulação.

Nesse contexto, as ações e discursos de Creonte não podem ser compreendidos como neutros, mas como construções que expressam interesses específicos vinculados à sua posição de dominação dentro da estrutura social.

Para Chartier (1988, p. 17), as representações do mundo social, "embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forja. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza."

Nessa perspectiva, as contribuições de Chartier (1988) e Foucault (1996) podem ser compreendidas de forma articulada. Enquanto Chartier (1988) evidencia que as representações do mundo social são produzidas a partir

dos interesses de grupos que a constroem, Foucault (1996) apresenta que o força não se limita à esfera econômica.

Segundo Foucault (1996), o poder não se define prioritariamente pela manutenção ou reprodução das relações econômicas, sua natureza primeira é a de uma relação de força entre sujeitos. Creonte deixa claro a Jasão que a relação de hegemonia e força vêm da posse e sua manipulação.

Em uma das cenas centrais, quando Creonte decide expulsar Joana de casa, evidencia-se seu papel como agente de controle social. Ao justificar a expulsão com base na dívida, ele mobiliza uma lógica em que a moradia deixa de ser um espaço de abrigo e passa a funcionar como um instrumento disciplinador, reforçando as relações de dependência e submissão.

Mesmo diante da vulnerabilidade de Joana, mãe de família abandonada, Creonte mantém uma postura inflexível, mostrando que a economia opera como mecanismo de exclusão e de manutenção de influência. Deleuze (2005) afirma que o poder não se define por uma essência, mas por sua capacidade de operar. Na peça, Creonte personifica essa ideia ao manipular as engrenagens do controle capitalista e social para alcançar seus fins.

Ao anunciar a construção do novo conjunto habitacional, Creonte busca reforçar sua imagem pública, associando-se ao discurso do progresso. Contudo, a construção revela-se mais uma estratégia de autopromoção do que uma ação transformadora. A promessa de melhoria coletiva esconde a manutenção de relações hierárquicas e dependências econômicas que pouco alteram a realidade dos moradores.

O drama sugere que o progresso oferecido pelo empresário está, na verdade, voltado para consolidar sua posição social e política. Van Dijk (2008) argumenta que o discurso não é um objeto verbal isolado, mas uma prática social situada, determinada pelo contexto comunicativo em que ocorre.

Nesse contexto, Creonte personifica seu discurso de progresso aos interesses de submissão dos moradores. Com tudo isso, Creonte simboliza mais do que um personagem individual, ele representa a própria estrutura econômica que sustenta desigualdades sociais. Sua influência é exercida de forma direta, por meio da propriedade e do controle financeiro, e de forma indireta, pela capacidade de influenciar trajetórias e impor comportamentos. Nesse contexto, *A Gota d'Água* utiliza Creonte como alegoria do capitalismo urbano brasileiro, em que riqueza e dominação política se entrelaçam, produzindo exclusão e subordinação.

Joana, Jasão e a mobilidade social

Na peça, o dinheiro é mais do que meio de troca: é instrumento de supremacia e ascensão social. Jasão, que deveria ser símbolo de lealdade e amor, abandona Joana e seus filhos para se associar a Creonte, empresário que personifica o capital especulativo "existe hora pra ser amigo e pra ser o poder" (Buarque & Pontes, 1975, p. 52).

Essa escolha reflete a ideologia dominante da época, que exaltava o sucesso individual e a mobilidade social, mesmo à custa da ética e dos afetos. Enquanto Jasão busca status e conforto, os moradores do conjunto habitacional vivem com recursos escassos, recorrendo a empréstimos e compras fiadas, sempre sob ameaça de despejo.

Essa dinâmica pode ser entendida sob a ótica das representações, propostas por Chartier (1988), que se inserem em um campo de disputas, marcando por relações de poder e dominação.

O dinheiro na obra não representa apenas um recurso econômico, mas também se configura como um elemento simbólico que organiza e legitima hierarquias sociais.

A escolha de Jasão, ao abandonar Joana para se associar a Creonte, não representa apenas uma decisão individual, mas evidencia a adesão a uma lógica dominante, na qual o poder econômico se sobrepõe aos vínculos afetivos.

Outro elemento central, a casa simboliza, além da moradia, endereço, estabilidade e pertencimento, mas também opressão. Isso se comprova na fala do personagem Xulé que diz: "falhei de novo a prestação da casa (...) mas, pela minha contabilidade, pagando ou não, a gente sempre atrasa" (Buarque & Pontes, 1975, p.29).

Joana luta para manter sua moradia, enquanto Jasão a troca por um espaço mais luxuoso, reforçando a ideia de que ascender socialmente implica abandonar raízes. As casas do conjunto, pequenas e padronizadas, refletem a precariedade da vida popular e a falta de autonomia, típica das políticas habitacionais da época, que priorizavam quantidade em detrimento da qualidade.

Com relação ao consumismo, limitado para os pobres, restringe-se a comida e roupas simples, enquanto Jasão, ao se aproximar da elite, passa a desejar bens de status, como carro e roupas caras. Essa mudança de valores dialoga com a cultura do consumo que se consolidava nos anos 70, impulsionada pelo milagre econômico e pela propaganda que vendia a ideia de

progresso e modernidade.

A dívida como instrumento de dominação

Na obra, percebe-se outro elemento de desigualdade: o trabalho. Os personagens pobres realizam atividades braçais, mal remuneradas e instáveis, enquanto Creonte lucra sem esforço físico, apenas com especulação. Jasão, ao abandonar sua origem, busca ascensão por meio da associação com o capital, mostrando como o trabalho honesto não garante mobilidade social, uma crítica direta ao mito da meritocracia. "Não vai ser assim, pega, senta e basta. Primeiro você vai me convencer que tem condições de assumir a pasta" (Buarque & Pontes, 1975, p.50).

À luz da perspectiva da História Cultural, conforme propõe Barros (2011), as práticas culturais não se restringem às produções formais ou institucionais, mas abrangem também os modos de viver, agir e se relacionar em sociedade, incluindo hábitos, costumes e formas de organização do cotidiano.

Nesse sentido, o trabalho pode ser compreendido como uma prática cultural, na medida em que expressa relações sociais, hierarquias e valores historicamente construídos. Na obra *A Gota d'Água*, observa-se que o trabalho se constitui como elemento de desigualdade, evidenciado pela distinção entre os personagens pobres, que realizam atividades braçais, instáveis e mal remuneradas, e Creonte, que acumula riqueza sem esforço físico, por meio da especulação.

Essa representação evidencia não apenas uma divisão econômica, mas também uma prática social que naturaliza posições desiguais. Além disso, a trajetória de Jasão, ao buscar ascensão social por meio da associação com o capital, reforça a crítica ao mito da meritocracia, ao evidenciar que o trabalho honesto, por si só, não garante mobilidade social.

Na obra de Buarque e Pontes (1975) os autores buscam reescrever a tragédia de Medéia em um cenário novo com o intuito de denunciar a violência simbólica e material que permeia a sociabilidade no Brasil da década de 1970. Se na Grécia antiga, Medéia é traída por Jasão e reage com fúria; na periferia brasileira, Joana enfrenta não apenas a traição amorosa, mas a opressão econômica, tornando sua luta um grito contra a injustiça estrutural. Portanto, não é apenas uma história de amor e vingança, mas um retrato da desigualdade e da lógica excludente do capitalismo, que transforma afetos em instrumentos de influência.

Após as análises de parte da obra *A Gota d´Água*, fica evidente que a criação não apenas retrata as ligações comerciais, mas também descreve representações complexas sobre dinheiro, dívida, poder e mobilidade social, evidenciando como tais elementos estão imbricados nas dinâmicas culturais e sociais.

As falas dos personagens, não são neutras pois expressam e reforçam visões de mundo marcadas por desigualdades estruturais, nas quais o endividamento, o consumo e o trabalho assumem significados que ultrapassam a dimensão econômica e se configuram como instrumentos de dominação e exclusão.

Em vista disso, a articulação entre literatura, história cultural e educação financeira admite compreender que os fenômenos econômicos são também construções simbólicas, produzidas e naturalizadas em contextos específicos.

Diante disso, tais elementos revelam o potencial da obra como recurso didático, possibilitando a elaboração de propostas pedagógicas que integrem a análise crítica da realidade social com o desenvolvimento de conceitos matemáticos e financeiros no contexto da Educação Básica.

E com base nesse entendimento que o texto que segue apresenta algumas sugestões de como o professor pode trabalhar a educação financeira a partir da produção descrita neste artigo.

POTENCIALIDADES EDUCACIONAIS

O trabalho com a narrativa *A Gota d'Água* nas aulas de Educação Financeira possibilita a abordagem de temas financeiros sob uma perspectiva crítica, articulando literatura, contexto histórico e análise conceitual.

Ao relacionar os conflitos presentes na obra com situações concretas de endividamento e desigualdade social, a proposta favorece a reflexão sobre juros, crédito e relações de controle, ampliando a compreensão dos estudantes acerca das implicações sociais das decisões financeiras (Ferreira & Bisognin, 2020).

Dessa forma, a Educação Financeira deixa de assumir apenas um papel técnico e passa a ser compreendida como uma linguagem capaz de interpretar a realidade social, e em especial no que diz respeito a financiamentos, prestações, taxas, mecanismos de correção monetária e demais elementos presentes tanto na obra literária analisada quanto no cotidiano dos estudantes onde os procedimentos de cálculo são utilizados em conjunto com análises

críticas e conclusões fundamentadas.

No campo sociopolítico, a proposta estimula a problematização das estruturas que definem as regras do sistema financeiro, evidenciando como tais normas frequentemente impõem barreiras ao consumidor, condicionadas por renda, moradia e acesso limitado ao crédito.

As estratégias pedagógicas sugeridas como leitura dialógica, estudo de caso, oficinas de cálculo, debates interdisciplinares, projetos investigativos, dramatizações e produções textuais, configuram um conjunto de metodologias ativas que favorecem a participação dos estudantes e o desenvolvimento da autonomia intelectual.

O trabalho didático pode ser organizado em um roteiro composto pelas etapas de planejamento, execução e avaliação, adequadas à Educação Básica e alinhadas aos princípios da Educação Financeira (Meneghetti Neto, Falcetta & Marchionatti, 2014).

O professor, ao trabalhar nessa perspectiva, pode selecionar cenas que destaquem temas como endividamento, consumo e interações de dominação, articulando-os a conteúdos matemáticos, como porcentagem, juros, progressões, funções exponenciais, tabelas e gráficos (Souza & Flores, 2020). Além disso, buscam-se objetivos formativos amplos, como leitura crítica, argumentação e exercício da cidadania financeira.

Rodas de leitura e questões disparadoras podem orientar as discussões em sala de aula (Ferreira, 2020), incentivando os alunos a questionar, por exemplo:

1. Quais informações contratuais estão ausentes?
2. De que forma os juros modificam o valor final?
3. Que alternativas seriam viáveis nessa negociação?

Esta abordagem dialógica está alinhada aos princípios da Educação Matemática Crítica, que preconiza a problematização da realidade do aluno e a construção coletiva do conhecimento (Skovsmose, 2008).

Para aprofundar a reflexão, os estudantes podem realizar simulações envolvendo diferentes taxas, prazos e valores de parcelas. O uso de planilhas eletrônicas é um recurso especialmente útil neste contexto, pois permite a visualização dinâmica dos dados e facilita a compreensão de conceitos abstratos da Matemática Financeira (Rheinheimer & Souza da Silva, 2015).

Por meio dessas simulações, é possível explorar tanto os juros simples

quanto os compostos, bem como os efeitos de atrasos de pagamento e da incidência de correções monetárias (Souza, 2019), proporcionando uma experiência de aprendizado contextualizada e crítica (Figueira, 2025; Ferreira, 2020).

A Educação Financeira, quando abordada sob uma perspectiva crítica, visa não apenas ao domínio técnico dos conteúdos, mas também ao desenvolvimento da autonomia e da cidadania dos estudantes, como preconiza Skovsmose (2008) ao tratar da Matemática Crítica.

A proposta prevê ainda integração interdisciplinar, articulando Matemática com História, Sociologia e Geografia para abordar temas como crédito, habitação, inflação e desigualdade social. Para contextualizar historicamente a obra utilizada, podem ser produzidos podcasts, vídeos, cartazes ou jornais murais, ampliando as formas de expressão e análise crítica.

A proposta didática do ensino médio tendo como base curricular (BNCC, 2017), enfatiza a mobilização de conceitos matemáticos a partir de situações socioculturais concretas. Para fins acadêmicos, é recomendável explicitar, em cada etapa do trabalho pedagógico, o vínculo entre as ações didáticas desenvolvidas e as habilidades previstas nos documentos educacionais.

A Educação Financeira integra os temas contemporâneos transversais previstos na BNCC (2017), situando-se na interface entre economia, consumo, cidadania e mundo do trabalho. Sua abordagem se caracteriza pela transversalidade, sendo desenvolvida de forma articulada entre diferentes componentes curriculares.

A Matemática oferece ferramentas analíticas para modelar e interpretar problemas, a Literatura amplia o repertório simbólico e as possibilidades de leitura de contextos e as Ciências Humanas fornecem a base para a interpretação histórica e social dos fenômenos econômicos (Figueira, 2025).

Dessa forma, o percurso formativo articula conteúdos, procedimentos e atitudes, assegurando a conexão entre prática pedagógica, habilidades da BNCC(2017) e formação crítica para a vida em sociedade.

Proposta de sequência didática

A fim de operacionalizar a interlocução entre literatura, História Cultural e Educação Financeira, elaborou-se uma proposta didática estruturada em quatro aulas, sintetizada na Tabela 1.

Tabela 1

Proposta de Aulas para Educação Financeira com Gota d'Água

Aula	Atividade Principal	Avaliação
1	Roda de leitura da peça; debate sobre metáforas de dívida; criação de cartazes interpretativos.	Participação no debate e apresentação dos cartazes.
2	Estudo de caso (fala de Xulé); cálculo de juros compostos (R$ 300 mil, 30 meses, 2% a.m.); produção de gráfico valor pago vs. saldo devedor.	Entrega da tabela e do gráfico.
3	Debate estruturado ("*Creonte* é personagem ou símbolo?"); apresentação de dados IBGE/Bacen; criação de infográfico comparativo.	Clareza e criticidade do infográfico.
4	Produção de produto final (podcast, cartaz, vídeo ou jornal mural) com trecho analisado, cálculos e reflexão crítica.	Qualidade do produto, articulação literatura-matemática, participação.

Nota: Os valores e taxas da Aula 2 são ilustrativos. Recursos didáticos: texto da peça (trechos), projetor, planilhas eletrônicas/papel milimetrado, dados IBGE/Bacen, cartolinas, recursos digitais.

Cada aula foi concebida a partir de um fragmento ou conflito central da peça *A Gota d'Água*, articulando os conceitos matemáticos e a práticas de reflexão crítica sobre o endividamento, o consumo e as relações de poder.

Aula 1 - A literatura como espelho da realidade financeira

A aula inicial tem como objetivo situar a peça como documento cultural e denúncia socioeconômica. Com base em Chartier (1988), trabalha-se o conceito de representação cultural, analisando como as falas de personagens como Xulé e Joana expressam a naturalização da dívida e a vulnerabilidade das classes populares.

A roda de leitura compartilhada e o debate orientado por questões disparadoras (ex.: Por que Xulé se sente preso na dívida?) introduzem os alunos ao tema da Educação Financeira, diferenciando-a de abordagens meramente técnicas. A produção de cartazes com metáforas sobre dinheiro e dívida estimula a expressão visual e coletiva das interpretações.

Aula 2 - A matemática de Xulé

Esta aula ancora-se na conhecida fala do personagem sobre o

pagamento interminável de prestações. A partir de um estudo de caso, uma dívida simulada de R$ 300.000,00 a ser paga em 30 parcelas mensais de R$ 10.000,00, com juros compostos de 2% ao mês, os alunos calculam a evolução do saldo devedor e constroem gráficos comparativos entre o valor pago e o montante ainda devido.

Dessa forma, conceitos matemáticos (progressão geométrica, juros compostos, correção monetária) são mobilizados para desnaturalizar a frase de Xulé, mostrando numericamente como o endividamento pode se perpetuar. A atividade reforça a compreensão de que a matemática financeira não é neutra, pois suas operações podem reproduzir ou escancarar desigualdades.

Aula 3 - Creonte, os bancos e a lógica do mercado

Aqui, o personagem Creonte é tomado como metáfora do sistema financeiro e do poder econômico concentrado. Após um debate estruturado sobre a pergunta "Creonte é um personagem ou um símbolo?", os estudantes são confrontados com estatísticas atuais de endividamento das famílias brasileiras, obtidas junto ao IBGE e ao Banco Central.

Em grupos, eles produzem infográficos comparando a situação vivida por Xulé (dívida imobiliária, ameaça de despejo) com dados contemporâneos (taxa de juros, comprometimento da renda, inadimplência).

O objetivo é evidenciar a permanência estrutural das práticas de dominação via endividamento, conectando a ficção dos anos 1970 à realidade do século XXI.

Aula 4 - Da Vila do Meio-Dia ao nosso bairro

A última aula propõe a produção de um produto final (*podcast*, cartaz, vídeo ou jornal mural) intitulado "Sobreviver ou pagar a prestação?

O que aprendemos com Xulé e *A Gota d'Água*? Cada grupo deve articular três elementos: um trecho analisado da peça, Modelagem Matemática e cálculos matemáticos que demonstrem o efeito dos juros ou da correção monetária sobre uma dívida, reflexões críticas sobre consumo consciente, planejamento orçamentário e cidadania financeira.

Essa etapa consolida a abordagem interdisciplinar, valorizando a produção cultural como prática social (Chartier, 1988) e exercitando a empatia e a autonomia dos estudantes diante de situações reais de endividamento.

Os recursos didáticos empregados: trechos da peça, projetor multimídia, planilhas eletrônicas, dados oficiais, cartolinas e ferramentas digitais. foram selecionados para favorecer metodologias ativas (roda de leitura, estudo de caso, debate, infográfico, produção midiática) e garantir acessibilidade a diferentes realidades escolares.

Dessa forma, as quatro aulas oferecem um percurso formativo que parte da sensibilização literária, passa pela modelagem matemática crítica, avança para a análise do poder econômico e culmina na produção autoral, alinhando-se às diretrizes da BNCC para o trabalho com temas contemporâneos transversais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra *A Gota d'Água* sob a ótica da História Cultural e da Educação Financeira permitiu compreender que os fenômenos econômicos não estão isolados em números ou planilhas, mas profundamente entranhados nas relações sociais e nas estruturas de poder.

Ao longo deste estudo, ficou evidente que a peça de Chico Buarque e Paulo Pontes transcende o drama afetivo, servindo como um documento histórico-literário que denuncia as contradições do "milagre econômico" e a exclusão habitacional na década de 1970.

A pesquisa evidenciou que personagens como Creonte e Joana não são apenas figuras ficcionais, mas representações de forças sociais concretas.

Enquanto o primeiro personifica o poder operatório do capital e o uso da dívida como instrumento de disciplina social; a segunda simboliza a resistência e a vulnerabilidade de uma classe trabalhadora marginalizada. Essa leitura permitiu desmitificar a neutralidade da economia, revelando-a como um dispositivo que, muitas vezes, mantém hierarquias e limita a mobilidade social.

No contexto pedagógico, a interlocução entre a Literatura e a Matemática mostrou-se um caminho fértil para o cumprimento das diretrizes da BNCC. A utilização de fragmentos da peça para o ensino de conceitos como juros, inflação e endividamento possibilita que o estudante desenvolva não apenas habilidades técnicas de cálculo, mas também um letramento financeiro crítico.

Tal abordagem favorece a compreensão de que o consumo e o crédito são práticas culturais historicamente situadas, e que a educação financeira deve visar à autonomia e à emancipação do sujeito, e não apenas à sua adaptação ao sistema vigente.

Portanto, espera-se que este trabalho e os encaminhamentos metodológicos sugeridos sirvam de inspiração para que professores de Matemática e de outras áreas adotem práticas interdisciplinares e transversais.

Ao levar a realidade social mediada pela sensibilidade artística para dentro da sala de aula, torna-se possível formar cidadãos capazes de interpretar criticamente as "gotas d'água" do cotidiano, transformando a educação em uma ferramenta de conscientização e justiça social.

DECLARAÇÕES DE CONTRIBUIÇÃO DAS AUTORAS

A.V.S.S.: Concepção do tema e dos objetivos da pesquisa; análise comparativa da obra literária *A Gota d'Água*; fundamentação teórica; escrita textual. L.A.P.: Leitura e análise crítica do manuscrito; adequação da metodologia; fundamentação teórica; formatação do trabalho; adequação às normas técnicas da APA e ao template da revista; escrita textual; busca e revisão bibliográfica. C.V.F.: Leitura e análise crítica do manuscrito; adequação da metodologia; fundamentação teórica; formatação do trabalho; adequação às normas técnicas da APA e ao template da revista; escrita textual; busca e revisão bibliográfica.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

O compartilhamento de dados não se aplica a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

As autoras declaram que utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial (IA) exclusivamente para tarefas de suporte. Nenhuma parte da análise crítica, interpretação dos resultados ou redação substantiva foi gerada por IA. As autoras assumem plena responsabilidade pelo conteúdo do artigo.

REFERÊNCIAS

As referências abaixo estão organizadas conforme a APA (7ª edição), com base nos dados fornecidos. Foram mantidos apenas os DOI e os endereços de referências que são páginas de internet.

Agência Brasil. (2014, 24 de outubro). *Desigualdade social no Brasil chegou ao ápice durante o milagre econômico, diz pesquisador*. https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2014-10/desigualdade-social-chegou-ao-apice-durante-milagre-economico

Arroyo, M., Balbim, R., & Santiago, C. (Orgs.). (2023). *Brasil popular, circuitos da economia urbana e políticas públicas*. Ipea.

Arruda, D. G. (2020). *História, política, economia, cultura no século XX*. Contentus.

Barros, J. D. (2011). A nova história cultural: Considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História, 12*(16), 38–63. https://doi.org/10.5752/P.2237-8871.2011v12n16p38

Brasil, Ministério da Educação. (2017). *Base Nacional Comum Curricular*.

Bresser-Pereira, L. C. (1983). Auge e declínio nos anos setenta. *Brazilian Journal of Political Economy, 3*(2), 222–246. https://doi.org/10.1590/0101-31571983-2103

Buarque, C., & Pontes, P. (1975). *Gota d'água*. Civilização Brasileira.

Carcuchinski, C. N., Linck, M. T., & Filipouski, A. M. (2020). Gota d'água: As relações de poder e a (des)construção de relações humanas na favela. *Revista Historiador*, (3).

Chartier, R. (1988). *A história cultural: Entre práticas e representações*. Bertrand Brasil.

Deleuze, G. (2005). *Foucault*. Brasiliense.

Diário do Comércio. (2022, 26 de agosto). *Milagre econômico: O crescimento com desigualdade social*.

Ferreira, J. S. P. (2020). Atividades de metodologias ativas para matemática com elementos didáticos da BNCC. *Revista Brasileira de Pós-Graduação, 16*(35), 1–22. https://doi.org/10.21713/rbpg.v16i35.1706

Ferreira, S. M., & Bisognin, V. (2020). Construction of mathematical and financial concepts based on realistic mathematics education. *Acta*

Scientiae, 22(5), 226–253. https://doi.org/10.17648/acta.scientiae.5925

Figueira, C. V. (2025). Storytelling e σ-álgebra: Uma abordagem simbólica e interdisciplinar para o ensino de matemática. *Revemop, 7*, Artigo e2025013. https://doi.org/10.33532/revemop.e2025013

Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France* (L. F. de A. Sampaio, Trad.). Edições Loyola.

Gama, S. P. D. (2023). *O microcrédito e o combate a pobreza: Análise histórica frente as iniciativas que geraram desenvolvimento e sustentabilidade econômica no final do século XX* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo].

Golpe militar de 1964. (s.d.). Brasil Escola. https://brasilescola.uol.com.br/historiab/golpe-militar.htm

Gonçalves, L. de P. (2021). Gota d'água e as milícias: As relações de poder. [Dados do periódico não informados].

Gonçalves, N. G. (2012). A Escola Superior de Guerra e a Lei 5.692/71: Discursos governamentais e implementação da lei no Paraná. In N. G. Gonçalves & S. M. F. Ranzi (Orgs.), *Educação na ditadura civil-militar: Políticas, ideários e práticas (Paraná, 1964–1985)* (pp. 15–28). Editora UFPR.

Granovetter, M. (2007). Ação econômica e estrutura social: O problema da imersão. *RAE Eletrônica, 6*(1). https://doi.org/10.1590/S1676-56482007000100006

Guimarães, A. C. R. (2007). *Comerciantes de bairro: Seus discursos, suas práticas* [Apresentação de trabalho]. VII Reunião de Antropologia do Mercosul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Kistemann Junior, M. A., Giordano, C. C., & Ramos, C. R. (2026). Educação financeira e hábitos: Cenários para reflexão prática. In M. A. Kistemann Junior, C. C. Giordano, & C. R. Ramos (Orgs.), *Educação*

financeira: Olhares, incertezas e possibilidades (Vol. 8, pp. 11–28). Editora Akademy.

Meneghetti Neto, A., Falcetta, F. P., Rassier, L. H., & Marchionatti, W. (2014). *Educação financeira*. EDIPUCRS.

Netto, J. P. (2023). *Pequena história da ditadura brasileira (1964–1985)*. Cortez.

Paulino, A. E. L. (2020). O impacto do "milagre econômico" sobre a classe trabalhadora segundo a imprensa alternativa. *Revista Katálysis, 23*(3), 562–571. https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n3p562

Rheinheimer, J. M., & Souza da Silva, M. E. D. (2015). *Juros simples x juros compostos com o uso de planilhas eletrônicas* [Monografia de especialização, Universidade Federal do Rio Grande do Sul].

Santos, J. S. dos, & Groenwald, C. L. O. (2024). Integrando a educação financeira escolar no currículo do ensino fundamental: Uma análise das políticas públicas e estratégias pedagógicas. *Educação Matemática Pesquisa: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação Matemática, 26*(1), 618–641. https://doi.org/10.23925/1983-3156.2024v26i1p618-641

Skovsmose, O. (2008). *Educação matemática crítica: A questão da democracia*. Papirus.

Souza, J. I. de, & Flores, C. R. (2020). Extemporaneous intervention to construct a financial education history. *Acta Scientiae, 22*(6), 25–44. https://doi.org/10.17648/acta.scientiae.5816

Souza, R. de. (2019). *A educação financeira: Planejamento* [Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade do Sul de Santa Catarina].

Superinteressante. (2012, 29 de outubro). *Milagre econômico: A história do crescimento com dívida*. https://super.abril.com.br/historia/milagre-economico

Theodoro de Lima, J. R., & Figueira, C. V. (2026). Caminhos para a equidade social em tempos de transformação: Matemática antirracista e decolonial como ferramenta de reparação histórica e tecnológica. In M. S. Machado & G. C. da Silva (Orgs.), *Transição justa: Educação e capacitação profissional* (pp. 61–83). Organização dos Estados Ibero-americanos.

Van Dijk, T. A. (2008). *Discurso e poder*. Contexto.

Villa, L., Silva, J. T. da, & Darroz, L. M. (2018). Educação financeira no ensino médio: Uma proposta fundamentada na teoria da aprendizagem significativa. *Acta Scientiae, 20*(1), 56–74. https://doi.org/10.17648/acta.scientiae.v20iss1id3208